

Algumas considerações sobre a primeira pessoa segundo a filosofia intermediária de Wittgenstein

NOME DO AUTOR: Priscilla da Veiga BORGES; André da Silva PORTO.

UNIDADE ACADÊMICA: Universidade Federal de Goiás, Campus II, FAFIL - Faculdade de Filosofia. Caixa Postal 131 – CEP: 74001-970. (Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Goiás)

ENDEREÇO ELETRÔNICO: priscillavb@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVES: primeira pessoa, substituição gramatical, palavra “eu”.

INTRODUÇÃO:

Segundo a tradição moderna, faz sentido o proferimento de sentenças do tipo “Eu vejo vermelho”, “Eu tenho dor de dente” etc., em razão do acesso privilegiado à experiência perceptiva da primeira pessoa, que é determinado por uma suposta autoconsciência. A palavra “eu”, segundo a tradição, faz referência a algo do qual se tem uma experiência imediata, isto é, diferentemente da experiência que se tem dos eventos no mundo. Contrariando essa tradição, Wittgenstein em sua filosofia intermediária, parece sugerir que as frases que fazem referência à percepção imediata como “Eu tenho dor” apenas fazem sentido se fizerem referência a um lugar ou corpo e não à primeira pessoa entendida como substância. Essa opção de Wittgenstein pode estar relacionada à análise lógica da palavra “eu” e das proposições que estão em jogo nas atribuições de estados mentais como a sensação de dor. Para tentar entender o desenvolvimento dessa análise lógica, podemos fazer algumas perguntas, quais sejam: “Há algum critério lógico de individuação da primeira pessoa?” “A palavra “eu” sempre se refere à primeira pessoa entendida como substância?”. Uma tentativa de responder às perguntas anteriores seria utilizar um método de substituição gramatical desenvolvido na filosofia intermediária de Wittgenstein, que consistiria na substituição da palavra “eu” por “pessoa” entendida apenas como corpo. Ocorrendo essa substituição, pode fazer sentido pensarmos na palavra “eu” sem uma referência necessária à primeira pessoa entendida no sentido tradicional do termo, afinal um corpo pode ser localizado no mundo intersubjetivamente acessível. Porém, em relação à primeira pessoa, que tradicionalmente pode ser entendida também como “sujeito”, parece não fazer sentido pensarmos em critérios de localização e individuação, pela mesma razão que julgamos ser um absurdo “localizarmos” os conceitos. Desvincular a

noção de primeira pessoa da referência da palavra “eu” pode ser o primeiro passo da análise gramatical desenvolvida por Wittgenstein, pois resta ainda mostrar quais regras se aplicam ao uso da palavra “eu”. Nesta comunicação, tentaremos responder às perguntas anteriores, através desse método de substituição gramatical com o objetivo de compreender a palavra “eu” independente do conceito tradicional de primeira pessoa, bem como tentaremos mostrar quais seriam as regras gramaticais que se aplicam a palavra “eu” segundo a filosofia intermediária de Wittgenstein.

MATERIAL E MÉTODOS:

Pesquisa Bibliográfica tendo como fonte a obra de Wittgenstein “*Observações Filosóficas*”. Análise de conceitos e comentários às teses presentes em tal obra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

O trabalho foi desenvolvido segundo um método de substituição gramatical que pode ser extraído da filosofia do período intermediário de Wittgenstein.

Wittgenstein no início da obra *Observações Filosóficas* parece dar a direção a respeito da análise gramatical e irá empreender ao longo livro, informando a respeito de dois pontos: a) a linguagem primária não é mais considerada necessária; b) tudo o que é possível e necessário é separar o que é essencial do que não é essencial em nossa linguagem (WITTGENSTEIN, 2005, p.37)

Sendo assim se a linguagem fenomênica não é mais considerada necessária, o que seria necessário em relação à linguagem? A resposta pode ser extraída do seguinte trecho da obra *Observações Filosóficas*: “Tudo o que é possível e necessário é separar o que é essencial do que não é essencial em nossa linguagem” (WITTGENSTEIN, 2005, p. 37).

Como podemos empreender tal separação do que é essencial e do que não é essencial em nossa linguagem? Bem, no capítulo VI da mesma obra, podemos verificar que Wittgenstein faz essa separação, diagnosticando, inicialmente o que não é essencial na linguagem, e após, substituindo por outra maneira de falar.

Wittgenstein inicia o capítulo VI citando que, uma das formas mais enganadoras de nossa linguagem é o uso da palavra “eu”, em específico, quando empregada na representação da experiência imediata (WITTGENSTEIN, 2005, p. 73). Pois bem, ai

está o primeiro passo na busca pelo o que é essencial na linguagem, dado que, se a palavra “eu” é uma das formas mais enganadoras de nossa linguagem, então, ela não é essencial quando empregada na representação da experiência imediata.

A partir desse ponto Wittgenstein empreenderá nos parágrafos seguintes a um método de substituição em que a palavra “eu” é eliminada da maneira de falar. Por exemplo, a proposição, “Eu tenho dor”, é substituída por “Ocorre dor”, quando se tratar da pessoa que é o centro da linguagem, L.W , por exemplo. Mas, se outra pessoa tem dores, o testemunho imediato será representado pela proposição “A se comporta como L.W quando este sente dor”.

Após essa substituição da palavra “eu” ou da separação do que não é essencial na linguagem fenomênica, temos uma resposta para a pergunta inicialmente proposta (“A palavra eu sempre se refere a primeira pessoa?”) pois trata-se de uma situação exemplificativa em que a palavra “eu” não se refere a primeira pessoa como tradicionalmente entendemos esse conceito, mas a um lugar, que no caso é o local da ocorrência da dor, o corpo da pessoa.

Sendo assim, a respeito de critérios lógicos de individuação da primeira pessoa, que era o conteúdo de outra pergunta norteadora do presente texto, parece não fazer sentido pensarmos em tais critérios pelas mesmas razões que achamos pouco razoável “localizar” conceitos no mundo físico. Quem faz essa tentativa cai em uma “analogia enganadora”, ou seja, confunde os termos e aplicações da linguagem fenomenalista em relação à linguagem fisicalista. Segundo a filosofia intermediária de Wittgenstein a linguagem fisicalista se aplica aos eventos físicos que possam ser individualizados, como é o caso do corpo que possui dimensões. Já a linguagem fenomenalista designa as sensações e experiências imediatas, como a sensação de dor que não pode ser medida ou individualizada.

Geralmente nos referimos a primeira pessoa como possuidora de seus próprios estados mentais, como desejos, sentimentos, crenças etc e a palavra “eu” faz a indicação substancial dessa auto-atribuição. Por esse modo de ver as coisas, quando digo “eu tenho dores” estou expressando a sensação de dor que somente eu tenho acesso. Assim a palavra “eu” parece se referir a uma substância que não é física, que não é mental, que geralmente chamamos de sujeito, (*res cogitans*). Nessa perspectiva ainda, cada pessoa teria acesso direto as suas próprias sensações. Bem, se pensarmos na primeira pessoa como um abstrato singular, talvez nossa forma de tratar os eventos que chamamos de mentais como dores,

sentimentos e crenças, mudaria. Não falaríamos em uma primeira pessoa, assim como nos falamos que cada pessoa tem acesso direto a seus próprios estados mentais, mas falaríamos somente em “a primeira pessoa” porque não haveria mais de uma. Então, seguindo esse raciocínio, diríamos simplesmente “Ocorre dor” e não “Eu tenho dores” porque não haveria a necessidade em delimitar se a dor ocorre em mim em outro corpo. Neste caso, a palavra “eu” se comporta de forma semelhante à palavra “mundo” fazendo referência ao espaço sensorial que não é localizável nem passível de individuação.

CONCLUSÕES:

Wittgenstein em sua filosofia intermediária, parece sugerir que as frases que fazem referência à percepção imediata como “Eu tenho dor” apenas fazem sentido se fizerem referência a um lugar ou corpo e não a primeira pessoa entendida como substância. Vimos nesse trabalho que a opção de Wittgenstein pode estar relacionada à análise lógica da palavra “eu” e das proposições que estão em jogo nas atribuições de estados mentais como a sensação de dor.

Embora seja tarefa bastante ampla pensar em uma possível gramática para a palavra “eu” segundo a filosofia intermediária de Wittgenstein, no presente trabalho tentamos delimitar esse tema com duas perguntas básicas: Há algum critério lógico de individuação da primeira pessoa?; “A palavra “eu” sempre se refere à primeira pessoa?” Para respondê-las, seguindo o texto das *Observações Filosóficas* a respeito do que é essencial na linguagem fenomênica, chegando assim ao método de substituição gramatical da palavra “eu” nas sentenças relacionadas aos testemunhos imediatos.

Tal método nos permitiu refletir sobre dois pontos: a palavra “eu” nem sempre se refere a primeira pessoa entendida como detentora do acesso imediato a sensações e percepções, pois pode se referir a um lugar, como é o caso do local da ocorrência da dor (o corpo) e ao espaço sensorial e nesse caso, não temos critérios lógicos para a individuação do que chamamos de primeira pessoa, pelos mesmos motivos que julgamos ser absurdo “localizar” conceitos no mundo. Caso isso ocorra, cometemos uma “analogia enganadora”, pois confundimos os termos e aplicações da linguagem fenomenalista em relação à linguagem fisicalista.

Por fim, pensar no que entendemos por primeira pessoa com essa distinção pode ser possível pensar nos testemunhos imediatos (linguagem fenomênica) sem a distinção entre primeira e terceira pessoa. Pois diríamos simplesmente “Ocorre dor”

e não “Eu tenho dores” considerando que não haveria a necessidade em delimitar se a dor ocorre em mim em outro corpo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Tradução de Helena Martins e revisão técnica de Luis Carlos Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. 398 p.

HACKER, P.M.S. **Insight and Illusion: Themes in the Philosophy of Wittgenstein**. Clarendon Press. Oxford, 1986. Rev. ed.

HINTIKA, Merrill B.; HINTIKKA, Jakko. **Uma Investigação sobre Wittgenstein**. Campinas: Papirus, 1994. Tradução de Enid Abreu Dobranszky. 399 p.

STERN, David G; SLUGA, Hans. **The Cambridge Companion to Wittgenstein**. New York: Cambridge University Press, 2006. 10 th printing. 509 p.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Observações Filosóficas**. Tradução para o inglês Raymond Hargreaves e Roger White e Tradução para o português: Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2005. 300 p.

ORGÃO FINANCIADOR: CAPES/UFG